

## **A Carta I do Pseudo Dionísio Areopagita: um Resumo da Teologia Negativa**

Prof. Dr. Roberto C. G. Castro<sup>1</sup>

Apresentamos a seguir uma tradução inédita, a partir do original grego, da *Carta I* do Pseudo Dionísio Areopagita. Essa carta – a primeira da coleção de dez epístolas do autor que chegaram até nós – tem como característica marcante o fato de ser um resumo de toda a teologia negativa desse teólogo cristão do início do século VI. Com um texto brevíssimo, distingue-se nela a noção de negatividade dionisiana, que tanta influência exerceu na teologia e na filosofia da Idade Média e que, hoje, pode nos ajudar a refletir sobre o racionalismo, a ciência e a própria condição humana.

Essa noção se refere à ideia de que o conhecimento da causa primeira de todas as coisas – que a teologia chama de Deus – é impossível à razão humana. Isso se dá porque essa causa, como criadora de todas as coisas, encontra-se acima de tudo o que existe, inclusive do pensamento e da reflexão. Dessa forma, torna-se impossível até mesmo nomeá-la, dar-lhe um nome que a designe adequadamente, visto que qualquer conceito sempre se referirá às coisas existentes. Deus, Trindade, Causa, Um – expressões usadas pela teologia cristã e pela filosofia ocidental para falar sobre o princípio essencial dos seres – servem, no máximo, para lembrar que existe algo além do entendimento e até da imaginação humana. As muitas palavras, os muitos discursos, a reflexão intensa, ao invés de aproximar, afastam os homens da causa primeira, tratando de coisas mais humanas do que divinas. Assim, é mais conveniente, diz o Pseudo Dionísio Areopagita, dizer de Deus o que ele não é do que o que ele é e negar tudo o que se diz do divino, pois ele é distinto de tudo o que há.

E mais: dada a radical transcendência dessa causa, as essências mais íntimas dos seus efeitos – ou seja, o mundo sensível – também são inacessíveis ao conhecimento humano, pois se encontram no íntimo daquele que as gerou. Constata-se, assim, que a ciência humana jamais chegará ao conhecimento último, cabal, definitivo das coisas criadas, embora possa avançar cada vez mais nessa interminável viagem do saber.

Diante da insuficiência do conhecimento da causa primeira através da razão, resta ao ser humano se aproximar dela por meio da união mística da alma com o divino. Entra-se, assim, no âmbito da teologia mística do Pseudo Dionísio Areopagita, a única forma de obter um conhecimento mais claro de Deus, muito superior à teologia conceitual – que se esforça inutilmente para fazer afirmações fidedignas de Deus – e até mesmo à teologia negativa, visto que as negações a respeito da causa de todas as coisas são igualmente insuficientes para conhecê-la.

### **As trevas do não-saber**

A *Carta I* tem o condão de traduzir todo esse pensamento negativo de Dionísio numas poucas frases. “As trevas se tornam secretas para a luz, e mais para muita luz; os conhecimentos tornam invisível o não-saber, e mais os muitos conhecimentos.” Esse belo trecho inicial da carta se refere justamente à ideia de que a luz do conhecimento torna inatingíveis “as trevas do não-saber”, a famosa expressão com que Dionísio fala do mistério divino.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

Dionísio continua a carta advertindo que o não-saber não significa privação, como se a impossibilidade de chegar a Deus se devesse a uma falta de conhecimento sobre o divino. Este está oculto exatamente para aqueles que têm luz, enquanto os que percebem a incognoscibilidade de Deus conhecem a verdadeira condição em que se encontram os seres criados. “As trevas supraestabelecidas dele estão escondidas a toda luz e ocultas a todo conhecimento.” Quanto mais saber, mais distante se encontra o homem da causa primeira.

Quando faz afirmações sobre Deus acreditando decifrar sua natureza, a teologia, na realidade, aponta para características meramente humanas, para atributos dos seres produzidos pela causa primeira, porque esta se encontra “acima da mente e da essência”, como escreve Dionísio. Conhecer Deus, diz ele, é algo que se dá num plano supraessencial, acima do raciocínio humano, através do reconhecimento de que ele não pode ser conhecido nem se assemelha com nada que é existente, pensável ou imaginável. “O melhor e completo não-saber é conhecimento do que está acima de todas as coisas conhecidas.”

### “Ninguém jamais viu Deus”

Como foi dito, a *Carta I* é um resumo da negatividade do Pseudo Dionísio Areopagita, uma noção que se encontra nos quatro tratados que formam o *Corpus dionysiacum*, ao lado das dez cartas: *Da hierarquia celeste*, *Da hierarquia eclesiástica*, *Dos nomes divinos* e *Da teologia mística*.

Lembrando que, conforme as Escrituras, “ninguém jamais viu Deus”<sup>2</sup>, Dionísio destaca, em *Da hierarquia celeste*, por exemplo, que o Criador é “um mistério que transcende todo ser”, supraessencial a todas as coisas, e que, definitivamente, nada do que existe pode ser comparado a ele<sup>3</sup>. Em *Dos nomes divinos*, ele afirma que não existem palavras que possam expressar esse Bem inefável<sup>4</sup>. Nenhuma criatura pode conhecê-lo nem contemplá-lo como é, uma vez que ele transcende tudo, e não há caminhos por onde penetrar em sua infinitude secretíssima<sup>5</sup>.

Sendo causa de todas as coisas, Deus não é nada do que existe, pois está supraessencialmente separado de todo ser, continua Dionísio. “Está muito longe de qualquer maneira de ser, de todo movimento, vida, imaginação, opinião, nome, palavra, pensamento, inteligência, substância, estado, princípio, união, fim, imensidade. De tudo quanto existe.”<sup>6</sup> As realidades secretas de Deus são incomunicáveis, mais profundas do que um abismo<sup>7</sup>. Ele é Ser que está sobre todo ser, sem que nada o alcance<sup>8</sup>. Não é possível designar seu nome nem seu modo de ser, pois se eleva muito acima de todo entendimento. É um mistério muito distante da realidade das coisas<sup>9</sup>, uma luz inacessível que, por sua claridade imensa, se transforma numa impenetrável treva divina<sup>10</sup>. Dionísio acentua a inacessibilidade de Deus, afirmando, na capítulo IV *Da teologia mística*, inteiramente dedicado à questão da negatividade:

Dizemos, então, como a causa de todas as coisas, essência acima de todas as coisas, não é nenhuma substância, nem um vivente, nem uma razão, nem inteligência, nem corpo, nem tem maneira de ser, nem imagem, nem qualidade ou quantidade ou volume; nem está em um lugar, nem vê nem tem toque sensível; nem sente nem é

<sup>2</sup> *I Timóteo* VI, 16: “o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu nem é capaz de ver”.

<sup>3</sup> *Da hierarquia celeste* XII, 3.

<sup>4</sup> *Dos nomes divinos* I, 1.

<sup>5</sup> *Dos nomes divinos* I, 2.

<sup>6</sup> *Dos nomes divinos* I, 5.

<sup>7</sup> *Dos nomes divinos* II, 4.

<sup>8</sup> *Dos nomes divinos* II, 10.

<sup>9</sup> *Dos nomes divinos* XIII, 3.

<sup>10</sup> *Carta V*.

sensível, nem tem desordem e perturbação, nem é molestada pelas paixões corporais; nem é sem força, nem colocada sob os sintomas sensíveis, nem na insuficiência é luz, nem mudança, ou corrupção, ou partilha, ou privação ou fluir, nem outro algo das coisas sensíveis.<sup>11</sup>

Deus envolve os seres de tal forma que a mente não pode compreender<sup>12</sup>. Nada consegue explicar o que é supraessencial a todo ser e que excede toda razão e inteligência<sup>13</sup>. O mistério de Jesus está escondido. Não há palavra nem entendimento que o descubram. Inefável por mais que dele digam. Ainda que o entendam, permanece incompreensível.<sup>14</sup>

Para o Pseudo Dionísio, nenhuma palavra ou conceito – produto do conhecimento do homem – é capaz de expressar as coisas divinas. O intelecto humano visa a conhecer um objeto, que é um ente, um ser. Uma vez que Deus – causa da inteligência e do conhecimento e criador da sabedoria universal e particular<sup>15</sup> – é uma realidade que se eleva muito acima dos seres, segue-se que Ele transcende todo conhecimento. Para conhecê-lo, seria preciso um saber supraessencial<sup>16</sup>. “Não podemos alcançar com o pensamento nem com palavras o um, o incognoscível, o supraessencial.”<sup>17</sup>

Não convém empregar a razão, que é uma “auxiliar dos sentidos”, para chegar à secreta causa de todas as coisas<sup>18</sup>. Comparado com a inteligência divina, o entendimento humano é uma espécie de erro<sup>19</sup>, razão por que os mistérios da Trindade não devem ser entendidos conforme nenhuma das formas de pensar humanas<sup>20</sup>. O máximo que se pode obter com o intelecto é compreender que foi concedido ao homem participar da paternidade e filiação divinas<sup>21</sup>.

A forma de se referir a Deus pela negação é justificada por Dionísio nestes termos. “Essa maneira é muito mais própria de falar de Deus, pois, como a secreta tradição nos ensina, nada do que existe se parece com Deus e desconhecemos sua supraessência invisível, inefável, incompreensível.”<sup>22</sup> Usar palavras para se referir a Deus significa limitar aquele que é ilimitado e infinito. Ao chamá-lo de Ser, Vida, Luz e Verbo, por exemplo, apreendem-se apenas algumas propriedades do divino<sup>23</sup>. A afirmação positiva é sempre inadequada para se referir ao mistério inexprimível<sup>24</sup>, daí porque, para chegar a Deus, o homem precisa abandonar toda operação intelectual<sup>25</sup>. Ascender à verdade através da negação libera a alma de tudo que lhe é afim na ordem natural, preparando-a para o desconhecido. “Por fim, transcendendo as fronteiras do mundo, a alma chega à união com Deus, tanto quanto é possível da parte dele como da parte da alma.”<sup>26</sup>

## O homem

As consequências da negatividade para o pensamento sobre o homem e a existência são profundamente relevantes. Em primeiro lugar, ela representa uma contundente crítica ao racionalismo exacerbado, entendido como a tentativa de

---

<sup>11</sup> *Da teologia mística* IV.

<sup>12</sup> *Dos nomes divinos* IX, 9.

<sup>13</sup> *Dos nomes divinos*, XIII, 3.

<sup>14</sup> *Carta* III.

<sup>15</sup> *Dos nomes divinos* VII, 1.

<sup>16</sup> *Dos nomes divinos* I, 1 e 4.

<sup>17</sup> *Dos nomes divinos* I, 5.

<sup>18</sup> *Dos nomes divinos* VI, 2.

<sup>19</sup> *Dos nomes divinos* VII, 1.

<sup>20</sup> *Dos nomes divinos* XIII, 3.

<sup>21</sup> *Dos nomes divinos* II, 8.

<sup>22</sup> *Da hierarquia celeste* II, 3.

<sup>23</sup> *Dos nomes divinos* II, 7.

<sup>24</sup> *Da hierarquia celeste* II, 3.

<sup>25</sup> *Dos nomes divinos* II, 7.

<sup>26</sup> *Dos nomes divinos* XIII, 3.

submeter todas as coisas ao domínio da razão, que, segundo esse racionalismo, seria uma potência capaz de elucidar os mais profundos mistérios da vida. Com sua teologia negativa, o Pseudo Dionísio está a lembrar que esse tipo de conhecimento é impossível e que é vã a ferrenha luta para compreender a essência mais íntima dos seres.

Em segundo lugar, a negatividade põe em evidência a condição mesma do homem: um ser pensante que se encontra numa infindável viagem, a viagem do conhecimento, que nunca terá fim, ainda que ele se aprofunde mais e mais nessa empresa.

Em terceiro lugar, finalmente, deve-se lembrar que a teologia afirmativa – ou seja, o discurso teológico tradicional – e as doutrinas são insuficientes para alcançar o conhecimento de Deus. Por isso, ela deve se abrir para uma nova forma de se relacionar com o divino, a mística, através da qual pode-se chegar mais perto da contemplação do divino, como diz o Pseudo Dionísio Areopagita.

A seguir, a tradução, a partir do original grego, da *Carta I* do Pseudo Dionísio Areopagita.

## CARTA I

Ao monge Gaio

As trevas se tornam secretas para a luz, e mais para muita luz; os conhecimentos tornam invisível o não-saber, e mais os muitos conhecimentos. Afirma supraverdadeiramente e supraeminentemente essas coisas, mas tendo sido tomadas não como privação, pois estão ocultas para os que têm o que é luz, e o não-saber em relação a Deus é conhecimento dos que são; e as trevas supraestabelecidas dele estão escondidas a toda luz e ocultas a todo conhecimento. E se alguém, tendo visto Deus, entende o que viu, não o viu, mas algo dos seres dele que são conhecidos; pois Ele está suprainstalado acima da mente e da essência. Ele é conhecido supraessencialmente e acima da mente através desse em geral não ser conhecido nem ser. E o melhor e completo não-saber é conhecimento do que está acima de todas as coisas conhecidas.

Recebido para publicação em 12-10-09; aceito em 08-11-09